

Versões divergentes revelam a tensão

Da UPI

Washington — O ministro da Fazenda do Brasil, Luiz Carlos Bresser Pereira, deu a entender ontem que os Estados Unidos apoiavam seu plano para refinarçar a dívida externa de 112 bilhões de dólares, porém um porta-voz do Departamento do Tesouro, pouco depois, explicou que o secretário James Baker não havia gostado da proposta brasileira.

As versões conflitantes sobre o encontro entre Baker e Bresser Pereira, que durou duas horas e meia, representaram apenas um começo turbulento e uma imagem do que está por vir nos próximos meses: tensas negociações sobre a crise da dívida.

Como o maior devedor do Terceiro Mundo, o Brasil, que decretou moratória em 20 de

fevereiro, procura fórmulas novas para reescalonar seus compromissos. O resultado da negociação deve criar um precedente para todos os demais grandes devedores.

Bresser Pereira deu a entender que tinha o apoio norte-americano para um plano de substituição de até 35 bilhões de dólares de sua dívida de 70 bilhões de médio e longo prazos, através de uma combinação voluntária de bônus de saída e capitalização de firmas brasileiras.

Já o porta-voz do Departamento de Tesouro enfatizou que as duas partes concordaram, de um modo geral, que os problemas do Brasil deveriam ser conduzidos de forma convencional. O porta-voz, entretanto, não deixou de mencionar que “o secretário Ba-

ker caracterizou a recentemente divulgada proposta da dívida do Brasil com um não-começo”, antecipando que o plano não seria posto em prática.

Bresser e o porta-voz também divergiram quanto ao suposto apoio dos Estados Unidos à posição do Brasil, de achar que pode se entender com os bancos antes de negociar com o Fundo Monetário Internacional.

O FMI freqüentemente funciona como uma agência repartidora de créditos, mas também como um negociador dos países endividados em dificuldades. O Brasil se recusa a ir ao Fundo alegando que o organismo multilateral impõe condições excessivamente austeras para os repagamentos.